



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 2, volume 1, artigo nº 07, Julho/Dezembro 2015
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v1n2a7>

O QUANTUM MÚLTIPLO DO PENSAR: O OLHAR INTERDISCIPLINAR E PERSPECTIVÍSTICO SOBRE O HOMEM, A LINGUAGEM E A VIDA EM FRIEDRICH W. NIETZSCHE

Prof. Renato M. Resgala Jr.¹

Graduado em Letras – Fafism
Mestre em Letras (estudos literários e crítica da cultura – UFSJ)
Doutorando em Ciências da Educação – Universidad Americana

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar certas considerações interpretativas acerca de determinadas passagens da filosofia de Friedrich W. Nietzsche para que, em torno de seu pensamento, possa-se apontar o modo de inter-relacionamento com ideias complexas como a vida, o homem e a linguagem. Nesta pesquisa, verificou-se que há conceitos da obra nietzschiana que só são possíveis de ser apreendidos quando se tem como horizonte o questionamento do próprio pensar: em Nietzsche, o que ronda a filosofia, o pensamento e a cultura é todo um processo de idealização do *homem* – a ideia de que *homem* torna-se uma invenção conceitual para a formação individual e cultural do ser. Para realizar as etapas da pesquisa, empreenderam-se leituras de ideias centrais da escrita de Nietzsche, de excertos, trechos e aforismos acerca da verdade, da linguagem, da consciência e do pensamento, assim como de conceitos basilares, tais como: o pensamento da Vontade de Poder (ou Vontade de Potência) e *Übermensch*, o além-do-homem etc. Utilizou-se, nesta fase da pesquisa, a leitura de alguns escritos fundamentais como “Humano, demasiado Humano”, “A Gaia Ciência” e “Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o Martelo”, “Vontade de Poder” entre outras obras do autor, tornando-se o escopo teórico deste artigo, em relação ao pensamento cultural contemporâneo. Nota-se, com a leitura e interpretação dos conceitos supracitados, que há dois fatores que corroboram para o desenvolvimento da tessitura filosófica de Nietzsche: o primeiro, o caráter interdisciplinar; o segundo, o caráter perspectivístico, sendo que ambos apresentam-se como os métodos para o trabalho de investigação de Nietzsche.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem; Pensamento; Cultura; Interdisciplinaridade; Valor.

Abstract

The aim of this article is to present some interpretative observations about excerpts of Friedrich W. Nietzsche philosophy, forwarding his thought. By this way, we'll appint the

¹ Faculdade Redentor, Letras, Itaperuma-RJ, renatoresgalajr@gmail.com

interrelationship with complex ideas as life, the man and the language. In this research, it was verified that concepts of his masterpiece are learned when the act of question of the own way of thought is in game. In Nietzsche, what rounds the Philosophy, the Human Thought and the Culture is all a process of man's idealization – the idea of a man which became an conceptual invention looking for the individual and cultural formation of Being. To realize the steps of this research, we undertake readings of his central ideas, from excerpts, chapters and aphorisms about the Truth, the Language, the Consciousness and the Thought, as basilar concepts as the Will to Power (or will to potence) and the Übermensch, the overman etc. we use some essential books as “Humano, demasiado Humano”, “A Gaia Ciência” e “Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o Martelo”, “Vontade de Poder” and others books, becoming our theme and theoretical scope in relation to the cultural contemporary thought. We observe that two facts cooperate to the development of a philosophical tessiture of Nietzsche: firstly, the interdisciplinary characteristics; secondly, the perspectivist vision, and in both we can see the methods of his investigation

Keywords: Philosophy of Language; Thought; Culture; Interdisciplinary; Value

Introdução

“Toda verdade é simples” – Isto não é uma dupla mentira?
(NIETZSCHE, 2014, p. 09)

A construção deste artigo não tem como objetivo a sistematização do pensamento de Friedrich W. Nietzsche² (seria audácia e imprudente inocência, que só levaria a um pensar de insciente proporção, com conseqüente descrédito, posta a existencial multiplicidade temática e variante em torno desse filósofo). Parafraseando-o, é preciso estar-se sempre pensando à frente de todas as sistematizações.

Esse trabalho veio a ser desenvolvido com o propósito de apresentar uma série de leituras críticas acerca de determinados conceitos centrais nietzschianos, de modo a promover uma interconexão entre o seu pensamento e um possível diálogo intercultural e filosófico com a contemporaneidade.

Nietzsche fez seus textos, sua filosofia de modo a repensar o *modus vivendi et operandi* da existência do ser humano, de modo que o mesmo pudesse ser capaz de, por si, repensar, interrogar, duvidar, cogitar, também imaginar, criar o modelo do que *está-aí*, do que *está vigente* e *vige* como ideal no mundo do homem: atualizado e vanguardista, o pensamento nietzschiano torna-se nítido e possível quando se dá a entender e a dialogar com a discursividade filosófica acerca de conceitos basilares da humanidade. Seu objetivo é colocar de novo, à mesa, às claras, o próprio mundo da representação e da conceituação, da ideia de ‘humanidade’, de ‘ser’, ‘linguagem’, ‘conhecimento’, ‘vida’, ‘existência’, ‘diferença’ etc., objetivo tal que acaba por nos direcionarmos em nossa investigação acerca da pergunta fundamental em torno do Ser, em cuja complexidade, muitos intelectuais se

² Doravante *FWN* ou apenas Nietzsche.

perderam: afinal, “o que é a vida?” e, por consequência, “o que é o homem?”, “qual o valor da existência?”, “o homem é, possui essência?” são alguns dos mais complexos levantamentos de toda a pragmática do pensar filosófico, tanto pela abertura polissêmica das questões em sua complexidade quanto pela possibilidade múltipla de ressignificação contextual das respostas.

O que de fato percebe-se é que todas as perguntas sobre o valor do ser, do homem e da vida já carregam em sua força semântica uma série de outros jogos de valores (por detrás da cortina da identidade que se apresenta no momento), de gostos e escolhas, de seleções e adequações dos sentidos às idealizações, cristalizações identitárias que o homem, o ser eleger para si e *toma-por-verdade*: é a herança aristotélica de um pensar sempre com um horizonte à vista (*isto é isto* ou *isto não é isto*), o princípio da *não-contradição* (ou isso é bom ou isso é ruim e todos os tipos de oposições de valor), suplantado por ideias unitários, supremos, universais³. Indubitavelmente, quando se pergunta pelo *homem*, há sempre um ideal de um *homem* (em específico o ‘eu’ que fala por detrás das essências em jogo no indivíduo que está em diálogo, disputa e decisão em face ao mundo).

Darmo-nos nesse posicionamento é nos colocarmos também *em jogo* e perceber que, junto a Nietzsche, toda palavra, tudo aquilo que é revestido de uma ‘ideia’, de um ‘sentido’, de uma ‘explicação’ não *deve ser tomado* nunca como um *em-si-mesmo*, em sua abertura de sentidos, toda ideia é posta num jogo conceitual por meio do desenvolvimento de um raciocínio delinear (porém, direcionado e ciente de suas perspectivas e possibilidades), cíclico (mutável, condicionável, passível de reanálises) e questionador (usando de uma metáfora, um necessário pensamento interrogador que se dirija *para-além-de* [*Jenseits*] todo bem e mal), de toda prática valorativa, meramente, idealizada, portanto inventada, imaginada e perspectivística.

Dizendo de outra maneira, Nietzsche põe todo o pensamento ocidental até seu tempo em *xeque*, sob o olhar genealógico acerca da moral, da ideologia, de tudo o que se dispõe à sua época como ‘verdade’ – dessa forma, aprende-se com FWN que colocar a história da própria vida humana em foco é dar a chance de poder falar as vozes caladas de toda uma sociedade exclusivista, de toda a dominação cultural e de toda uma história de manipulação humana, por trás de um ideal, visto como pleno e absoluto, uma vontade de moral.

Como isso se dá? Qual o estilo e a forma de pensar estrutural e lógica em Nietzsche? Com o pensar nietzschiano, vem o desvelar, pelo processo de genealogia da ideia, da moral, do pensamento posto como *linguagem* (a base do construto filosófico de FWN) a qual

³ Um exemplo contemporâneo, não seria, de certa forma, o modelo do Estado Islâmico com sua prática de conversão de jovens, futuros jihadistas? Não indo longe, como são manipuladas, oprimidas, condicionadas e capturadas as crianças que vivem em comunidades periféricas, caindo às garras de uma estrutura criminosa que se funda e se articula fortemente, como o narcotráfico na América Latina? O Poder dogmatiza o ser em sua existência: cria-se uma miragem ao longe e nunca se sabe qual o preço dessas escolhas, dessas reduções da potencialidade do ser – mas que há o preço na sociedade, isso há.

é percebida como um duplo movimento do intelecto humano, do saber que é, pois, *perspectivístico e pluridimensional*⁴.

Dessa forma, três etapas se desdobrarão neste artigo⁵: a) primeiramente, uma discussão acerca da conceituação do termo ‘ser’, da ideia conceitual de *Homem* em face aos determinantes filosóficos centrais do pensamento nietzschiano (como o conceito de Além-do-homem, *Übermensch*) que possam nos conduzir a uma leitura da perspectiva filosófica presente na crítica de Nietzsche; b) num segundo momento, entendemos que a *Linguagem* é o meio que proporciona a formação cultural e moral do homem; daí, a leitura e a interpretação recorrentes de passagens significativas nos conduzirão à apresentação e interpretação de algumas sentenças de FWN, encontrados no prólogo de “Crepúsculo dos Ídolos ou Como se filosofa com o martelo”, além de alguns aforismos iniciais que são determinantes para a leitura empreendida; c) por último, à base da extração possível da crítica presente em obras como “Humano, demasiado Humano” e “Gaia Ciência”, visualizamos a conceituação de *Vida* (por conseguinte, de ‘vivência’, ‘existência’ etc.) em FWN numa contínua inter-relação semântica com os sentidos de Homem (ser) e Verdade

⁴ Como símbolo de sua demarcação de um posicionamento, FWD fala em ‘uma filosofia que se dá a ‘golpes de martelo’ – daí o pensar dialético-dialógico pelo processo que ele denomina de Genealogia: profunda investigação voltada à uma compreensão plural dos jogos que são imputados, condicionados que emergem dos mecanismos das relações de poder – o *modus operandi* das engrenagens cognitivas, humanas, desde a ideia ao idealizador, desde a vontade da Ideia à vontade e aos afetos envolvidos na idealização: pensar é, pois, o próprio ato da vontade de poder expressa no ser, no ente, na coisa, no dado, no que está-aí. A prática crítica de FWN parte não da aceitação dos centros de poder que comandavam os planos e recortes históricos, mas parte de uma visão (um sentir amplo, plural) questionadora do que está velado com a história da tradição: para pensar-se, para sentir-se livre para pensar o homem deveria passar pelo *livramento* do pensar: descobrir-se dentro da existência da própria condicionalidade da vida humana. (NIETZSCHE, 2011a; 2013)

⁵ “Crepúsculo dos Ídolos ou Como se filosofa com o martelo”, “Humano, demasiado Humano” e “Gaia Ciência”, “Assim Falava Zaratustra”, “Vontade de Poder”, “Para-além do Bem e do Mal” e “Fragmentos Póstumos” (volume V e VI) doravante serão apresentados, no decorrer deste artigo como, respectivamente, “CDO”, “HDM” e “GC”, “AFZ”, “VP”, “PABM” e “FP-V” e “FP-VI”.

Para a concretização deste artigo, atentamo-nos, em especial, aos seguintes aforismos:

- a) *Relacionados à temática do conceito de vida*: livro GC – nº 2, 3, 109, 154, 277; sobre o caráter perspectivístico da existência, livro GC nº 374; Vida e conhecimento, livro FP v.VI, trecho 5(36);
- b) *Relacionados à temática da conceituação em torno do homem*: livro GC, aforismos de nº 26, 299, 337, 354; homem massificado (conceito importante aos estudos contemporâneos) em HDH, aforismo nº460; AFZ e seu capítulo “As três metamorfoses do homem” – o livro todo tem seu valor literário e filosófico; em CDI, no capítulo “Como o mundo verdadeiro se tornou fábula – historia de um erro” o aforismo de nº 6; no capítulo “Incurções de extemporâneo”, aforismo nº 10; excerto de FP v. VI, nº 2(172), do capítulo 5, verão de 1886, outono de 1887; FP v. V, capítulo 25, 25(8);
- c) *Relacionados à linguagem e ao conhecimento*: em GC, aforismos 110, 111, 234, 276, 277, 278, 354, 374, 375; em HDH, aforismos de nº 11, 12, 6, 270-271; em FP v.VI, capítulo 2, excerto 2(88), 2(89), 2(90), 2(91), 2(92) e 2(93);
- d) *Relacionados ao jogo entre a ideia de Verdade, Vontade de Poder, Eterno retorno, o Além-do-homem*: Em GC, aforismos de nº 2 (prólogo), 109, 283, 285, 341, 349 e 380; em HDH, aforismos nº 56, 462, 618; em FP v.VI, capítulo 2, excertos 2(185), 2(186), 2(191) e 2(192); no capítulo 5, excerto 5(11) e 5(12); no capítulo 9, 9(106); em CDI, a leitura do “A ‘razão’ na filosofia”.

O que não quer dizer que não utilizamos de outras leituras, principalmente de seu livro, cuja publicação envolve muita pesquisa e debate, ainda hoje, intitulado “Vontade de Poder” Há as informações nas críticas que abrem os livros de Nietzsche referenciais, que traduzem a validade e a importância das contribuições efetuadas pelo trabalho de pesquisa e averiguação de dados biográficos e registros mnemônicos e filosóficos feitos por Giorgio Colli e Mazzimo Montinari, assim como do veemente processo analítico do professor Müller-Lauter, do pensamento do *Dasein* em Heidegger e na questão da genealogia histórica do saber em Foucault).

(como discurso da cultura e da moral social), num jogo em que o questionamento sobre a existência torna-se o mote para repensar a esfera da vivência humana em um flexionado e possível diálogo com a contemporaneidade.

Afirma-se, assim, que a presente investigação se desenrola no processo de questionamento pela conceituação, pela palavra em sua condição (condicionamento e manipulação) dentro da esfera social, cultural e moral.

Com isso, a presente análise tem em sua perspectiva crítica uma práxis metodológica genealógica que parte da palavra em inter-relação com os jogos de ideologias, os jogos de poder (histórico-culturais) que circundam a interpretação dos sentidos e das ideias, que ‘direcionam’ as formas de percepção do mundo.

Pretende-se, nesse interregno, apontar caminhos para a reconhecimento dos fatores interdisciplinares (pluridimensionais em suas estruturas temáticas) e perspectivísticos que o pensamento em Nietzsche adquire, a partir do seu questionamento filosófico.

I – Homem

Pensar o ‘homem’, na sua histórica e variável acepção ideológica, é pensar apenas um ‘homem’ em sua condição de poder realizar a sua vivência em face à realidade que lhe cerca, em seu momento, em seu estado de essencialização com o todo? Quanto de medição de valores está nesse ‘homem’ que se avalia e no outro ‘homem’ que é quem executa a avaliação? Sob que meios e métodos se pode executar uma ‘avaliação’ de um ser, de uma vida, de uma existência? Quem tem esse poder?

Ou pensar o ‘homem’ é pensar o *homem em geral*, o homem como ele *precisa ser*, sob as asas da ideia do conceito de ‘bem’, de ‘verdade’, de ‘certeza’, de uma predeterminação e inclinação a uma idealização dando ao homem o direcionamento (como animais a viseira) de um *dever-ser-assim*?

Quando dizemos, ‘eis aqui um homem’, já dizemos com vistas ao que é de *valor* ou de *não valor* (aquilo que seja de insignificância e nulidade) a nós mesmos. Medimos com nossos olhos o mundo que nos rodeia – no entanto, quanto de magia, de feitiçaria, de tartufaria, de um ‘hocus-pocus’ habitam nesse *olhar-sobre-o-mundo*! Pois, de fato, a visão, a *compreensão* humana está em contínua reformulação sobre si, moldada, eventualmente, pela indústria da mercadoria, da propaganda, da imagem e da aquisição.

Quando dizemos que somos, damos-nos ‘direcionamentos’ (o que se seguir, o que se fazer, como ser?). Neste mundo em que ser é aparecer, o ente é cercado pela moralidade, com todos os seus valores sociais embutidos – também valores de utilidades (a marca teleológica de uma sociedade que incita-nos e exige-nos que ‘tenhamos’, de se ter um *fim*-

em-si, um *ser-em-si*, uma *finalidade* no mundo, um trabalho, uma profissão, um fim) ao homem, pois, que nós *devemos* nos tornar.

A sociedade tecnocrática contemporânea, assim como a sociedade industrial-capitalista do século XIX de Nietzsche, produz – em larga reprodução em massa –, continuamente, homens que têm um *dever-ser* em sua íntima vida, homens que se dão limites à sua existência, homens marcados por um instinto de rebanho, de um querer ser arrebanhado. É o primeiro indício para a alienação do homem: olhamos, abissalmente, o mundo à volta e vemos que as grandes (em maioria populacional) religiões e suas divisões ainda prosperam e regimentam a ordem social⁶.

Damos à nossa vivência, neste tempo, neste momento cultural, a necessidade do valor, de ter valor, de possuir valores, do *Bem*, que se torna, cada vez mais, em uma necessidade de *bens* – parece-nos, por vezes, que o *bem* maior é o domínio do homem pelo capital, pela exploração do ser em sua potencialidade de uma forma injusta e desleal (*ad exemplum*, as relações trabalhistas muitas vezes negligentes em países que se ganha menos de 1 dólar por dia de serviço).

Pensando com Nietzsche, *tornar-se um homem* dá-se na combinação em jogo da própria multiplicidade de essências e valores que brincam, dialogam e criam uma ‘arte’ em se viver, uma teatralidade da vivência humana – pois combinamos as máscaras certas para os encontros devidos e a linguagem (verbal, corporal, gestual etc.) precisa para o momento exato: viver é a experimentação da existência em suas múltiplas possibilidades de interpretação, visualização, entendimento, compreensão.

O valor cultural é algo que se tornou severamente entranhado à própria identidade de *ser alguém*, pelo fato, de um histórico processamento e condicionamento (não somente sob certos prismas de quantificados, num binarismo ensandecido ou quaisquer outras esquematizações desse tipo), por uma série de acontecimentos, interpretados e reinterpretados continuamente, os quais se ajustam à vivência cultural (histórica, psicológica e social) do homem, cercando-lhe, moldando-lhe o caráter, a conduta, a linguagem, os afetos e as necessidades, ditando com o culto da imagem, gostos, valores e vontades.

Para Nietzsche, toda valoração é perspectivística, é tendenciosa e organizada para meios e fins específicos, com objetivos bem traçados⁷. Contra os ‘naturalismos’ interpretativos e visões ‘positivistas’, FWN, no aforismo nº481, de VP, no capítulo em que analisa “A crença no ‘Eu’” e no “Sujeito”, aponta:

⁶ De fato, mas pelo controle, pelo terror e pela imposição tirânica: em países da África, do Oriente Médio e da Ásia, como em Guiné ou em algumas comunidades do Congo, mulheres têm seu órgão genital decepado, cauterizado para que se purifiquem do *mal* do prazer.

⁷ O interessante artigo “Um olhar sobre o perspectivismo de Nietzsche e o pensamento trágico”, de Imaculada Conceição Manhães Marins, traz consideráveis notações.

Contra o positivismo, que fica no fenômeno 'só há fatos', eu diria: não, **justamente não há fatos, só interpretações** [*Interpretationen*]. Não podemos verificar nenhum fato 'em-si': talvez seja um absurdo querer tal coisa. **'Tudo é subjetivo', dizeis: mas já é isso interpretação** [*Auslegung*]. O 'sujeito' não é nada de dado, mas sim algo a mais inventado, posto por trás. - É afinal necessário pôr o intérprete por trás da interpretação? Isso já é poesia, hipótese. **Tanto a palavra 'conhecimento' tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é interpretável de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. 'Perspectivismo'.**

Nossas necessidades são quem interpreta [auslegen] o mundo; nossas pulsões seus prós e contras. Cada pulsão é uma espécie de ambição despótica [Herrschaft], cada um tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as outras pulsões. (itálicos do autor) (negritos nossos) (NIETZSCHE, 2008, p. 260)

A luta nem sempre na vida é só a de classes, mas, sempre, pelo *mais-Poder* em face à realidade efetiva das sensações, do sentir o mundo, da interconexão do homem com um mundo que se quer fazer de *essente*, metafisicamente e moralmente sedutor (no entanto, viciante e degenerescente). A luta, **Πόλεμος**, *Polemos*, o debate, o embate, o diálogo que Nietzsche propõe leva a uma síntese: criamos, nós, com o jogo de nossas essências e valores, o mundo idealizado por e para nós mesmos. Normatizar o mundo é normatizar de acordo, portanto, com uma série de valores já pré-concebidos e dados como inerentes.

No entanto, não seria isso reduzirmo-nos, nós, os homens, em nossas potencialidades? Não seria dar somente um apego ao nada ou, no máximo, ao mínimo e, com este mínimo, termo-nos, então, como 'arrebanhada' essência de humildade no ser, que contentarmos com o nada, para então nos regozijarmos de felicidade e agradecimento já que, por esse instinto, devemos acreditar que é assim mesmo e sempre haverá um *assim-mesmo*? Era preciso quebrar essas amarras.

A história da vivência da humanidade constitui-se como uma sequencial história de interpretações de um 'tu deves', de uma contínua mutabilidade de ordens (leia-se e entenda-se que aqui falamos de ordem enquanto *leis* políticas, sociais, legais, morais que engendraram, condicionaram e cristalizaram o comportamento e o caráter cultural dos homens) que se adequaram, serviram-se, encaixaram-se e foram usadas para a conservação das espécies dominantes: a história nos mostra a supremacia de determinadas classes e elites hegemônicas – alguém negaria a forte presença do poder das 'grandes famílias' cristãs na renascença italiana? Ou a troca de poderes no período da República do café-com-leite? Ou a dança das cadeiras no Senado Federal? Ou o nepotismo vivo na promoção de cargos públicos, os cargos de confiança, sempre às escusas? Ou o atual estado de corrupção, vindo de toda uma história de dominação política?

Mais uma vez, afirmamos, pois, que o *pensar o homem* (e toda a implicação e multiplicidade teórica que se abrem com o questionar a vida humana) já é um pensar sobre perspectivas e direcionamentos, com escolhas e determinadas valorações, com

cristalizações de sentidos e afetos condicionados.

Toda a história filosófica que pensou uma resposta à pergunta ‘o que é o ser?’ orientou-se sempre num caminho em que o próprio ‘pensar-o-homem’ marcou-se pelo seu lado *perspectivístico* da valoração sobre o homem.

Assim, partimos da percepção interpretativa de que, em Nietzsche, a conceituação de *homem* deve (pela atitude do questionamento do próprio conceito de *homem*) mostrar-se, pois, desvelada da máscara metafísica que a encobria, velamento que é a máscara de toda história da tradição filosófica: o Homem, o Ser, o Ente, o Sendo são definições que se prendem à aparência significativa do ser (‘o homem é’ diz-nos, em jogo, pelo princípio da não-contradição, ‘o que se deve ser’ e ‘o que não se deve ser’⁸).

Até Nietzsche, que é o divisor-de-águas na fronteira da tradição do pensamento filosófico ocidental, investigar o homem era já colocar-se sob um direcionamento e uma unidade ao horizonte (“o homem *deve* ser isto”), a que serviriam de centro e origem para o que se deveria perceber e ao que se deveria medir e valorar e aceitar como ‘ser’ (em detrimento de toda a pluralidade), de modo a determinar a sua essência, a sua unidade, a determinar como o Homem *deve ser* e *é* em sistematização (porque só há espaços – econômicos – na cultura e no corpo social para os que se sistematizam!) com o mundo.

Quaeritur: quanto de poder, vontade, escolha, ambição, desejo, necessidade, prazer e sensualismo, não há no ser, naquilo no que o homem torna-se o que deve ser?

Escondem-se idealizações na palavra ‘ser’ – é a aparência do Ideal, a aparência de um Deus perfeito, a idealização do Bem, acerca do instinto de rebanho que se acovarda ante um não, um ir-além, um sair do comodismo do nada. Então, neste entremeio, parecemos que a vida pede uma unidade, uma origem e um fim, como se fosse preciso um horizonte no final da ponte do arco-íris, onde o ouro se encontraria num pote.

A vida dita suas narrativas, desenrola os cenários que nos envolvem na experiência de viver, criando espaços na memória (momentos de existência com a realidade do mundo em sua vigência) para o homem – este animal que julga, que valora indiscriminadamente, de acordo com o jogo de sua moralidade (cujo sentido é tornar-se, pois, instrumento da valoração imediata de um mundo Ideal, de uma unidade, de um começo e final – medimos o mundo com o *quantum* de essencializações cristalizadas, no jogo das essências e identidades culturais, temos e nos expomos ao jogo do existir-aí.

Um questionamento abre-se: o homem é o que apresenta em sua identidade? Há apenas uma identidade que move, conduz o ritmo da existência do ser? O que se esconde

⁸ CF. PLATÃO, 1997. O Mito da caverna define bem o pensamento clássico acerca do que é essência, aparência e realidade. Há também pensamentos e aforismos de Nietzsche sobre mundo verdadeiro e mundo fictício (cf.: NIETZSCHE, 2014) no qual o filósofo alemão interage por meio do que ele chama de “Inversão do platonismo” – processo de questionamento filosófico genealógico em que se põe em estudo os conceitos e as ideias platônicas, invertendo e mostrando o por-detrás dos valores aparentes: daí, como resultado, os valores de potência e dominação, o instinto de rebanho, a cristianização dos valores subsequentes, etc., presentes na filosofia nietzschiana.

sob a ideia de uma identidade? O que esconde com a possibilidade da pluralidade de identidades na contemporaneidade (essa uma pergunta mais apropriada)? A vida tem em contas uma *única balança* na qual se mediria sempre sob o princípio da não-contradição – ou ‘se é’ ou ‘não se é’?

Identidade, conseqüentemente e não por acaso, torna-se um dos termos mais complexos da nossa contemporânea inteligência. Eis um fato histórico: pela ideia de igualdade, de identificação, por conseguinte, de unificação, ‘povos’ vários ergueram-se, outros tantos foram dizimados. Pelo ideal de uma identidade (cultural, religiosa), afetivamente e efetivamente, vem a dominação que é o fio condutor (instinto de autoconservação) do que se afirma no ser: a história da escravidão no Brasil é a tradução viva desse ranço do comportamento e caráter (*páthos*) humano.

Para direcionarmos o que pretendemos apontar (que é o fator perspectivístico acerca da ideia, do conceito de ‘homem’, ‘ser’), referimo-nos a alguns aforismos, de obras centrais, que discutem, refletem e inferem questionamentos em torno do ideal, do *por-detrás* do ideal de Homem e da imagem típica de FWN sobre o que seria um ser que esteja para-além da mentira que era o ideal de até então sobre o homem: referimo-nos, aqui, à superação do Homem, ao Além-do-homem, *übermensch*. Observemos o que diz FWN acerca do homem e, em seguida, realizaremos uma leitura que possa nos dar indícios para perceber o que é o ser em nossa contemporaneidade⁹.

“Nosso novo ‘infinito’. – Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem ‘sentido’ [Sinn], não vem a ser justamente ‘absurda’ [Unsinn], se, por outro lado, toda existência não é essencialmente interpretativa – isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais conscienciosa análise e autoexame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob formas perspectivas e apenas nelas. Não podemos enxergar além de nossa esquina: é uma curiosidade desesperada querer saber que outros tipos de intelecto e de perspectiva poderia haver: por exemplo, se quaisquer outros seres podem sentir o tempo retroativamente ou, alternando, progressiva e regressivamente (com o que teria uma outra orientação de vida e uma outra noção de causa e efeito). Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações. Mais uma vez nos acomete o grande temor – mas quem teria vontade de imediatamente divinizar de novo, à maneira antiga, esse monstruoso mundo desconhecido? E passar a adorar o desconhecido como ‘o ser desconhecido’? Ah, estão incluídas demasiadas possibilidades não divinas de interpretação nesse desconhecido, demasiada diabrura, estupidez, tolice de interpretação – a nossa própria, humana, demasiado humana, que bem conhecemos...” (NIETZSCHE, 2011, p. 278)

⁹ São relativamente consideráveis os aforismos de nº 26, 299, 337 e 354, em GC; nº 460 de HDM; nº 6 e 10 de CDI; do excerto 2(172) (p. 128) em FP-VI; além da emblemática passagem das “Três metamorfoses do Homem”, em AFZ, para que se tenha um entendimento da passagem transformacional do homem comum, ordinário, i.e., do adorniano homem genérico, absorvido pelo Ideal de uma moral cultural, para o “übermensch” – o espírito livre, o homem dionisíaco de FWN.

Uma passagem, eis a condição da vida humana: estamos todos sobre a ponte: disse Zaratustra, perigoso caminho, perigosa travessia, pois, para trás, muito se faz de encantado, de charmoso, cercado pela aparência de uma magia sedutora, tudo que mascarado leva ao aquietamento das potencialidades. À frente, o além-do-homem: o ser que se quer ir para além de si, tornar-se o que ele é, o além-do-homem é o que torna-se em sua multiplicidade existencial (neste devir, não há a ordenação, a obrigatoriedade, a necessidade de unidade, mas o devir como tornar-se em contínua mudança de si, sobre si, retornando-se de novo sobre o ente, questionando toda a essencialização cristalizada das coisa e da vida, pois não há para o além-do-homem ente indivisível, o *ens supremum* ou quaisquer *entis supremis* são vistos como grosseiras e maliciosas invenções – diria-nos o filósofo, ‘bem-intencionadas’ a um gosto, a um discurso ideológico). O *übermensch* constitui-se como conceito e símbolo de uma superação do próprio existir-aí do homem (do estar-se-no-meio, do *Da-sein* que Martin Heidegger nos projeta em “Sein und Zeit”¹⁰) em que as identidades – fluidas e líquidas, porque hoje têm que ser necessariamente fluidas e líquidas, por vias econômicas, pensando com Bauman (2010)¹¹ – jogam permitindo as vivências e experiências sociais, históricas e culturais estarem em diálogo, em interação.

Em FP, sobressai-se que todo ato do valorar, todo *colocar valor e sentido* é sempre de algo, alguém, algum ser para com outro algo outro, outro ser, algum alguém, outro se; portanto, um duplo movimento de interpretatividade moral das coisas, do mundo, dos seres. Observe: “Nossos valores são *inseridos interpretativamente* nas coisas. Há um sentido em si?” e mais à frente “Todo acontecimento a partir de intenções é *reduzível à intenção de ampliação de poder*” (grifos do autor) (NIETZSCHE, 2013, v.VI, p. 79; 86).

Assim, expõe-se Martin Heidegger (2010, p. 54-55), acerca da Vontade de Poder, a partir da crítica à visão schopenhaueriana do conceito maleável de Vontade:

Podemos agora – parece mesmo que precisamos – reunir a série de determinações da essência da vontade trazidas paulatinamente à tona e agrupá-las em uma única definição: vontade como assenhoreamento sobre... que se estende para além de si, vontade como afeto (o acometimento excitante), vontade como paixão (o arrebatamento expansivo em direção à amplitude do ente) e vontade como comando. Com algum esforço poder-se-ia certamente conseguir produzir uma ‘definição’ mais limpa segundo a forma, que juntasse tudo o que foi apresentado. Não obstante, abdicaremos de um tal empreendimento. Não como se não déssemos valor algum aos conceitos rigorosos e inequívocos. Nós os buscamos muito mais! Entretanto, um conceito não é nenhum conceito – ao menos na filosofia – se não for fundado e fundamentado de um modo tal, que deixe isso que concebe se tornar para si a medida e a via do questionamento, ao invés de recobri-lo com a figura de uma mera fórmula. Aquilo que o conceito de

¹⁰ HEIDEGGER, 2012a.

¹¹ O grande sociológico, senão o de maior repercussão no cenário contemporâneo, Zygmunt Bauman descreve-nos a ideia da liquidez: estado de fluidez, de passagem. Cf.: BAUMAN, 2007.

‘vontade’ – como o caráter fundamental do ente – deve conceber aqui, o ser, ainda não está, contudo, suficientemente próximo de nós – ou melhor: *nós não estamos* ainda suficientemente próximos *dele*. O conhecer e o saber não se reduzem à mera familiaridade com conceitos, mas apontam muito mais para uma concepção do que no conceito mesmo é retido; conceber o ser, isto é, permanecer exposto ao acometimento do ser, isto é, à pre-sença (...).

Complementando, Nietzsche assevera: “Vontade – eis aí uma suposição que não me explica mais nada. Para aquele que sabe, não há nenhuma vontade” (Apud, op.cit., p. 55).

Abre-se uma nova leitura que é, portanto, sobre o Ser e as identidades e com isso levantamos uma série de questionamentos.

É impossível pensar no conceito de Homem, de Ser, de Sujeito, sem se pensar que, para FWN, o mundo em mundanização, a visão de que há um ente que se relaciona com o todo, vem com a ideia, com a conceituação de Vontade de Poder.

Observemos o que nos diz HEIDEGGER (2015, p. 09), em suas anotações e seminários, ministrados entre 1937 e 1944, acerca do pressuposto inicial para se compreender livremente – se isto fosse possível, se houvesse alguma forma de compreensão que não estabelecesse nenhum juízo de valor sobre o que se compreende em seu próprio processo – em Nietzsche.

A (experiência fundamental) (aqui experiência diretriz) do ente no todo – como ‘vida’.
A resposta da (questão diretriz): O quê / como é o ente? **O quê? Vontade de Poder. Como? Eterno retorno do mesmo.** ‘Vida’, porém, *não* já dada de antemão plenamente definida – porém determinada e trazida à abordagem primordialmente *como tal* ente no todo. (Itálicos do autor) (negritos nossos)

II – Linguagem

Acreditamos, embasados pela extensa leitura do pensamento nietzschiano, que Vida, Homem e Verdade (dadas como palavras, conceitos, acepções teóricas) situam-se posicionadas como ideias que se jogam conceitualmente, no exercício do pensar nietzschiano, de modo a se referenciar e a complementarem a *interpretação* sobre o que é o conceito Ser, suplementando-o e, por vezes, questionando-o¹².

¹² Todo ato de perguntar na filosofia e nos estudos da linguagem carrega uma plurissignificação nuclear que pode se expandir em macrocosmos de multiplicidade de potência semântica num jogo hermenêutico do pensar. Pensar a filosofia é pensar sobre a diversidade: algo que se prontifique a ver o ser como unidade, tratará, mormente, do ser, do ideal de ser com reducionismo ideológico (ora, já pensar em ‘ser’ não é estar-se condicionado a um reducionismo linguístico?). Desta forma, asseveramos, pois, que pensamos com o que há de mais múltiplo no ser é a nossa possibilidade da linguagem: a vontade de poder na abertura do sendo, em jogo as identidades com a nossa capacidade, potência, aptidão e habilidade cognitivas, no mundo que nos mundaniza também com linguagem (símbolos e ideias estão nos aplicativos de celulares, nas ruas, nas marcas dos produtos etc.).

A palavra tem sua potência no existir-aí, i.e., no momento de agir e estar no ato da covigência do ser com os outros, pela interação através da linguagem, por exemplo. Comunicamos ao(s) outro(s) ao dizermos, com as palavras que são condicionantes e condicionadas pelo jogo da semântica. Falamos, pois, precisamos criar um mundo de conexão, em rede, com os *outros* (como diria o poeta Waly Salomão e o marginal Jards Macalé, “seja pedra, seja planta, seja bicho, seja humano”).

A linguagem é o berço do ser e o veneno, por vezes, da existência: o experimentar simbólico-representacional do real, do que está em vigência na realidade, e a força que debruça sobre os entes, (*seiendes*) essencializando o todo que os cerca, pela consciência, pela moral e pela introspecção e formação cognitiva que cria, molda e adorna as formas mais variadas de identidade culturais presentes na própria sociedade.

Leiamos o aforismo 5, na seção “A ‘razão’ na Filosofia”, inserida em CDI (NIETZSCHE, 2014, pp. 25-26):

Coloquemo-nos em oposição a isso, por fim, a maneira distante com que nós (digo nós por gentileza...) concebemos o problema do erro e da aparência. Em outra época tomava-se a mudança, a transitoriedade, em geral o devir, como provas da aparência, como signos de que ali deveria haver algo que nos conduzia ao erro. Hoje, ao contrário, exatamente na medida em que o preconceito da razão nos coage a estabelecer unidade, identidade, duração, substância, causa, coisidade, ser, vemo-nos de certa forma enredados no erro, ‘necessitados’ do erro; estamos tão certos por conta de uma rigorosa investigação conosco mesmos sobre isso, de que o erro está aqui. A mesma coisa acontece com os movimentos de um grande astro: neles, o erro tem como advogado permanente nossos olhos, aqui a nossa linguagem. Pela sua origem, a linguagem pertence à época da forma mais rudimentar de psicologia; atingimos uma espécie de fetiche quando trazemos à consciência os pressupostos fundamentais da metafísica e da linguagem, dito claramente, da ‘razão’. **Essa espécie grosseira de fetiche vê em toda parte agentes e ações: crê na vontade como causa em geral; crê no ‘Eu’, no ‘Eu’ como Ser, no Eu como substância, e projeta sobre todas as coisas a crença no Eu-substância – unicamente desta forma é que cria o conceito ‘coisa’... O ser é acrescentado com o pensamento, introduzindo dissimuladamente em toda parte como causa; unicamente da concepção ‘Eu’ se segue, como derivado, o conceito ‘ser’... No começo está o grande e funesto erro de que a vontade é algo que produz efeito, - que a vontade é uma faculdade... Hoje sabemos que é uma mera palavra... Bem mais tarde, em um mundo mil vezes mais esclarecido, chegou à consciência dos filósofos, surpreendentemente, a ‘segurança’, a ‘certeza’ subjetiva no manejo das categorias da razão: eles concluíram que estas categorias não poderiam derivar da empiria, - toda empiria estaria em contradição com elas. ‘De onde derivam então?’ – E na Índia como na Grécia cometeu-se o mesmo erro: ‘tínhamos que alguma vez já ter habitado um mundo mais elevado (-ao invés de um ‘mundo mais inferior’: o que teria sido a verdade!), tínhamos de ter sido divinos, pois possuímos a razão’... De fato, nada teve até agora uma força de convencimento mais ingênua do que o erro do ser, tal como ele foi formulado, por exemplo, pelos Eleatas: ele tem a seu favor cada palavra, cada frase que falamos! – Mesmo os adversários dos Eleatas também sucumbiram à sedução do seu conceito de ser: Demócrito, dentre outros, quando ele inventou seu ‘átomo’... A ‘razão’ na linguagem: oh que velha mulher enganadora! Temo que não nos livraremos de Deus porque ainda acreditamos na gramática...**

[grifos nossos]

A amplitude semântica da escritura nietzschiana impressiona-nos pela remissão em fluxo contínuo pela sua obra às suas teorias, conceitos, pensamentos que se desdobram em seus diversos aforismos. No aforismo acima, observe que Nietzsche está em questionamento dos ideais (petrificados) de ser, de 'eu', de 'homem' e, por conseguinte, de 'vida' e de 'verdade'. No meio desse embate, está a linguagem.

Observem agora, novamente, os nossos grifos e atentem ao que afirma FWN: “Essa espécie grosseira de fetiche vê em toda parte agentes e ações: crê na vontade como causa em geral; crê no ‘Eu’, no ‘Eu’ como Ser, no Eu como substância”, acabando por introjetar uma cristalização de sentido do ser, dando direcionamentos (unilaterais e muitas vezes sectários), “e projeta sobre todas as coisas a crença no Eu-substância – unicamente desta forma é que cria o conceito ‘coisa’” (op. cit., p. 25). A primeira pergunta sobressai-se naturalmente no discurso crítico de Nietzsche, com sua capacidade plástica de trazer cenas de lutas introspectivas acerca do ser e da existência: o que é esse “Eu” senão um dado, um símbolo, uma inteligência, um pensar inventado, uma ideia montada, maquilada, manipulada e forjada com fins, com ideias e metas ‘necessários’ (teleologicamente)? Nietzsche complementa: “O ser é acrescentado com o pensamento, introduzindo dissimuladamente em toda parte como causa; unicamente da concepção ‘Eu’ se segue, como derivado, o conceito ‘ser’...” (op. cit. p. 25). Dessa forma, observa-se que neste ideal de homem, há um buscar por meios para suportar aquilo que ele tem (dever) de ser, a necessidade de metafísica, sob seu espírito de rebanho, afugentar-se no irreal, tido como verdadeiro e imutável: “De onde derivam então?” – E na Índia como na Grécia cometeu-se o mesmo erro” (op. cit. p. 26), que adquire, neste íterim, o sentido de ação moral, pois toda a tradição filosófica grega constitui-se como o berço da moralidade e até do extenso corolário jurídico contemporâneo: pensamos ainda sob a retórica aristotélica, pensamos ainda sob a visão de uma república pela verdade (inventada e suportada pelos grandes ideais e seus idealistas’ – a corrupção escancarada da esfera municipal a nacional, até mesmo internacionais espocam à nossa frente¹³).

Dessa forma, “tínhamos que alguma vez já ter habitado um mundo mais elevado (-ao invés de um ‘mundo mais inferior’: o que teria sido a verdade!), tínhamos de ter sido divinos, pois possuímos a razão’...” (op. cit. p. 26). Note-se, pois, que razão, neste contexto refere-se à pragmática da lógica platônico-aristotélica¹⁴.

Heidegger, por sua vez, vê nessa *coisidade* enquanto invenção também o limite do pensamento tradicional:

¹³ Os embates ideológicos que atrasam pesquisas sobre genética, motivadas pela religião, exemplificam.

¹⁴ Cf. ARISTÓTELES, 2005.

Do ponto de vista de um espectador o que é consistência em si mesmo, torna-se o que se ex-põe. O que se oferece no aspecto em que se apresenta. Os gregos chamam o aspecto de uma coisa *eidos* ou *idea*. No *eidos* opera originariamente o que entendemos ao dizermos, que uma coisa tem uma fisionomia. Que podes deixar-se ver. Que está presente. **A coisa ‘toma uma posição’. Comparece, i.e., está presente no aparecimento que faz de sua Essencialização. Todas essas determinações do Ser se fundam e se mantêm reunidas no que, sem investigarem o Sentido do Ser, os gregos experimentavam e chamavam de *ousia* ou de maneira mais completa *parousia*. A falta de reflexão costumeira traduz *parousia* por ‘substância e assim não lhe atinge o sentido. Em alemão há uma expressão adequada para dizer *parousia* na palavra *An-wesen*. *An-wesen* significa cortiço (*hofgut*), uma propriedade fechada em si mesma de uma fazenda (*bauerngut*). Ainda no tempo de Aristóteles, *ousia* se emprega simultaneamente nesse sentido e no sentido filosófico da palavra. algo se apresenta. Consiste em si mesmo e assim se propor. É. Para os gregos ‘Ser’ diz no fundo esse estado de apresentação e presença (*anwesenheit*) [coisidade] (itálico do autor) [negrito nosso] (HEIDEGGER, 1965, p. 88-89)**

Em VP, no breve aforismo nº 482, Nietzsche brinca com o pensar sempre questionador: “Pomos uma palavra onde começa a nossa incerteza – onde não podemos ver adiante, por exemplo, a palavra ‘eu’, a palavra ‘fazer’, a palavra ‘sofrer’: tais são, talvez, linhas do horizonte do nosso conhecimento, mas não verdades” (NIETZSCHE, 2008, p. 260).

Com a linguagem, o homem inventa para si o seu ‘em-si’ (ao contrário do que pareça, sempre um ‘em-si’ imaginado, pensado, decorado, múltiplo, cambiável), alicerça-se ao mundo de sua vivência e, de fato, busca sempre *unificar-se* (dá-se unidade, i.e., uma metafísica, um direcionamento, uma utilidade à vida). Mas não seria isso cercear a vida humana em sua potencialidade de ser mais do que útil? Seríamos todos já pré-programados para o condicionamento de um estado de vigência (como dominação, seleção, estado de racionamento etc.) no mundo? A verdade do mundo é, como asseverou CONNOR (1994, p. 11), inescapável ao ser: para além de criar tábulas ou precisar medidas para um *modus de pensar*, a verdade tem sua dupla couraça: verdade como o que torna-se no mundo (nesse sentido, percebemos o mundo como *deveniente*) ou a verdade como a invenção, convenção, adaptação, seleção, organização, medição, valoração, interpretação e cristalização moral de um mundo (aqui, percebemos o mundo como *essente*¹⁵)? A linguagem cria os mitos e as verdades: é com ela que emerge e se prontifica (*in praesentia* ausente) o ideal de um homem: duplo mecanismo de sedução e livramento do sendo – a abertura para vida, para a existência vem com os balbucios da linguagem¹⁶.

Toda a vida humana tem na linguagem o exercício do viver em sociedade. A comunicação cria e molda a realidade da vivência no mundo, pois, com a linguagem, dessa forma, nós imaginamos, criamos, corrompemos, quebramos, remoldamos, condicionamos e investimos na vida sob a ótica de uma desejada e ‘prazerosa’ verdade em torno do mundo.

¹⁵ CF.: FP v. V.

¹⁶ CF.: BARTHES, 1987.

Pela linguagem o homem refaz e remonta sua verdade de vivência, modificando sua própria existência, criando novos gostos, valores (fluidos e cambiáveis, líquidos e plásticos) para si, dando-se novas identidades culturais que o formam (educacional e moralmente – percebemos que a linguagem tem como fundamento a *Bildung*, a velada moral no papel da formação educacional do homem que está em xeque na crítica sobre adequação do saber), em relação ao próprio *ser-em-si*).

No entanto, eis, daí, um dos erros fundamentais: a errônea e infundada visão de que há algum *ser-em-si*, ou mesmo quaisquer *em-si* (que sejam vistos como medidas universais, padrões inabaláveis da cultura), pois para Nietzsche o mundo que é, é somente aparente, uma medida pela valoração que há no ente (no jogo da essência do ser, no *Da-Sein*), portanto, o mundo essente caracteriza-se por ser apenas uma invenção de valor; já o mundo deveniente é o que deve tornar-se campo de livramento do ser das amarras das perspectivas unilaterais, sectárias, fechadas em si, que, pelo aprisionamento das potencialidades do ser, unilateraliza o conhecimento, o saber, a cultura humana¹⁷. Não há, em Nietzsche certezas intocáveis, “mundos verdadeiros”, que não vemos: FWN é o filósofo da ruptura socrática, da rachadura na arquitetura da linguagem da tradicional filosofia platônica ou, nas palavras do filósofo: “O mundo ‘aparente’ é o único que existe: o mundo ‘verdadeiro’”, idealizado, pensado e moldado pelas elites hegemônicas da história global, dos gregos e egípcios à atualidade, “o ‘mundo verdadeiro’ é apenas mentirosamente acrescentado” (NIETZSCHE, 2014, p. 24), o ideal de ‘mundo verdadeiro’ é suplantado diariamente na memória da própria cultura social – exemplo disso, o papel da Indústria Cultural de massas e o uso da alta tecnologia para formação – consumista, econômica – do homem.

O homem, enquanto não a pessoa física, mas a *ιδέα* do que é o ser (*το ὄν, εἶναι, Sein*), antes de tudo, caminha-se para o sentido de uma invenção (em constante mutabilidade: criamos, moldamos, estruturamos e conduzimos, também e rotineiramente, a vida em totalização com o mundo através da palavra. Sendo assim, o ideal de homem não seria tão vã inescapável vontade mesma de impor-se a si e a outros um ideal de homem? No dizer que há um ideal de homem, já se conduzem e jogam as identidades culturais em torno da própria conceituação. O ser humano não é uma entidade nascida pronta, finalizada, com direcionamentos já estigmatizados (a história da insanidade ariana alemã no século XX e seus grupos esparsados no século XXI, na Europa e nas Américas, conta-nos tudo o que é pensar o homem como um ideal).

Dizemos o que somos, dizemos com toda a carga de potencialidade de existir que há em nossa esfera identitária, em nossa formação enquanto seres humanos.

¹⁷ Não estaríamos, também, nesse processo, valorando? Todo pensar é pensar perspectivístico, valorativo, como um jogo entre as essências que habitam o homem – pensamos com as múltiplas ideologias que nos moldam na nossa relação com o mundo (uma relação que é também inventada, delineada, imaginada, construída – pela linguagem).

jogamos com as mais delicadas esferas da constituição humana – a moral, a cultura, a história etc.

A linguagem tem seu duplo momento: instrumento para a solidificação das mudanças necessárias e contínuas num mundo marcado pela incompreensão ou arma de proliferação de ideologias sectárias e unilaterais que promovem a unificação de um ‘bem’ comum. Na linguagem, a moral ganha seu terreno, seu bunker.

A moral tem sua força de atração e sedução na condução e autoconservação da vida humana: dar-mo-nos regras, limites, conduta para que, nos pensamentos calem-se as ideias de que há pensamentos que são perigosos demais, arriscados deveras, que possam nos arriscar – a moral nos dispõe lá, onde ela mesma, a moral – o Poder – nos quer: arrebanhados.

Há nos homens uma necessidade – silenciosa e vigorosa – de criação de crença, de fé, de unidade, de lei, de regra, de ordem para instaurar-se a autoconservação de um ideal para si: este ideal, esta irrupção e instintiva vontade de rebanho leva à decadência e ao nada, em outras palavras, o discurso do antissemitismo, do arianismo, do extremismo, do fundamentalismo religioso etc.

Sem linguagem não há a existência no tempo da vivência, pois toda vivência humana implica na vivência por meio de uma interatividade linguística. Comunicando-se, o homem cria, inventa, molda, forma, formata, estrutura, condiciona, simboliza, ressignifica, enfeita e adorna a coisa, o ser, a essência, a própria vida, num processo de mundanização do que se torna ser presente no aí. Mas estamos todos no aí? Estamos todos conexos com a realidade efetiva de nossas vivências? Aliás, sabemos nós que somos condicionados a estar numa realidade efetiva e aceitarmos que há uma realidade efetiva imutável e intransigente, mesmo em face às intemperanças da modernidade, as quais solicitam, anseiam e pedem por mudanças significativas no campo da cultura e, mesmo, da política nacional? O calabouço se abre à medida que perguntamos pela simples coisa: o homem, que é? Que é ser um ser humano na atualidade condicional de nossa existência no aí?

O que FWN vê é que o ser humano não é um *ser-em-si* já pronto e acabado, mas um ser em contínua interatividade com o mundo, em transformação e mutabilidade de suas perspectivas, ideologias, pensamentos e identidades¹⁸.

Podemos também afirmar que há no pensamento nietzschiano toda uma procura pela verdade, por detrás da ‘verdade’ inventada que vige o mundo. Essa procura, tomando como base as considerações acerca da filosofia nietzschiana, tem como meios e técnicas para o desenvolvimento crítico do raciocínio filosófico de Nietzsche alguns conceitos-chave: o conceito de Vontade de Potência (*Wille zur Macht*), Além-do-homem (*Übermensch*), o do pensamento como prática da Gaia Ciência (*Die fröhliche Wissenschaft* ou *La Gaya Scienza*),

¹⁸ Não há como falar do homem, hoje, sem falar do jogo de sua necessidade de (aparecer) ser: as redes virtuais fazem seu papel na disseminação do que se é (na pluralidade de identidades convencionalmente direcionadas, aceitas e praticadas pelos homens)

o conceito de niilismo (do latim *nihil*, nada) e eterno retorno (ou eterno retorno do mesmo, *Die Ewige Wiederkunft des Gleichen*).

A descoberta da interconexão entre esses posicionamentos filosóficos em face à vida não se dá aleatoriamente ou com simples leituras de artigos sobre Nietzsche, mas no debruçar diário sobre a tessitura de uma escrita marcadamente intrigante e esfingica. Só há entendimento em Nietzsche quando se pensa ‘caminhando’ com Nietzsche: o pensamento que vale é o que se faz no *caminhar* (aforismo 34 de CDI, NIETZSCHE, 2014, p. 13): uma das primeiras advertências que se deve ter acerca do que é o saber e a formação do pensamento em Nietzsche é a de que há o pensamento caminhante como o pensar em contínua interrogação em face ao meio que o envolve – pensar como participar, interferir, inquirir, perquirir, ser um *perscrutador das entranhas* (NIETZSCHE, 2002) de toda **οὐσία**, *ousia*, de toda essência, de tudo que se reveste por uma imagem, uma aparência de ser. Pensar é movimento como um ir-sempre-à-frente-em-face-ao-que-está-aí, sempre em fluída movimentação de si, sobre si, em si.

Para Nietzsche, a linguagem é também central para a própria superação da autocognoscência¹⁹ do ser em face à vida em sua pluralidade.

III Vida

A pergunta mais abissal da humana existência no seu estar-aí no mundo debruça-se sobre si mesma: muitos que efetuaram a resposta à pergunta “o que é a vida?” apenas repetiram toda um envelopado argumento que remete, senão, à tradição escolástica, metafísica, religiosa: a vida não pode ser entendida como um devir já engendrado, cristalizado, como algo já-dado, já pré-condicionado, um em-si-mesmo imutável, em outras palavras, a vida não deve ser entendida a partir de uma visão doutrinada em que o mundo essente é percebido como eterno e inflexível. Leiamos:

A vida não é argumento – **Ajustamos para nós um mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver!** Mas isto não significa que eles estejam provados! A vida não é argumento: entre as condições para a vida poderia estar o erro [grifos nossos] (NIETZSCHE, 2011, GC, p. 145)

¹⁹ O ente, a visão de uma essência preexistente no ser, i.e., o ideal de ente, adquire em Nietzsche, a (desmascarando) a percepção de que não passam de invenções, condicionantes, para a dominação; em outras palavras, não é nada, pois trata-se de uma invenção do ser numa totalidade, ou mesmo adaptações contínuas da múltiplas identidades que vêm com as mil tonalidades afetivas do ser. A linguagem torna-se um meio para o existir-aí, para um *presentar-se-no-mundo*.

O homem reinventa, continuamente, para si o mundo que o envolve, que o torna presente no estar-aí no mundo (*Da-sein*, como existir-aí, o ser em covigência com a alteridade²⁰).

Se o homem mudou, se o pensamento mudou, se a cultura comportamental e a sistematização organizacional mudaram, é preciso que toda a nossa concepção intelectual acerca do valor que é imputado moralmente, culturalmente e até mesmo economicamente²¹ da vida (se é necessário medi-la!) também mudou. Nossas atuais políticas de proteção às crianças, como o ECA, e o Estatuto do Idoso são exemplos cardinais dessa reviravolta do pensamento contemporâneo, em torno da própria responsabilidade social para com a existência humana. O discurso legal presente nos *codex* e *vade mecum* jurídicos torna-se, em suas páginas, instrumento de conexão e interlace, numa bilateralidade ideológica (existem todos e existem os diferentes) que promove a supressão da exclusão e a preservação da vida humana.

Assim como a morte não pode ser delimitada como o oposto da vida, a vida, em FWN, adquire linhas e contornos típicos.

Viver só é possível se for perigosamente, afirmou o pensador no aforismo 285, de a GC, no quinto livro:

Homens preparatórios – Eu saúdo todos os sinais de que se aproxima uma época mais viril, guerreira, que voltará a honrar acima de tudo a valentia! Ela deve abrir caminho para uma época ainda superior e juntar as forças que de que ele precisará – a época que levará heroísmo para o conhecimento e travará guerras em nome dos pensamentos e das consequências deles. Para isto são agora necessários muitos homens preparatórios valentes, que certamente não podem surgir do nada – muito menos da areia e do lodo da atual civilização, e educação cidadina; homens que, silenciosos, solitários, resolutos, saibam estar satisfeitos e ser constantes na atividade invisível; homens interiormente inclinados a buscar, em todas as coisas, o que nelas deve ser superado; homens cuja animação, paciência, singeleza e desprezo das grandes vaidades seja tão característica quanto a generosidade na vitória e a indulgência para com as pequenas vaidades dos vencidos; homens de juízo agudo e livre acerca dos vencedores e do quinhão de acaso que há em toda vitória e toda glória; homens com suas próprias festas, dias de trabalho e momentos de luto, habituados e seguros nos no comandar e também prontos no obedecer, quando for o caso, igualmente orgulhosos nas duas situações, igualmente servindo a própria causa; homens mais ameaçados, fecundos e felizes! **Pois, creiam-me! – o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: viver perigosamente! Construam suas cidades próximas ao Vesúvio! Mandem seus navios por mares inexplorados! Vivam em guerra com seus pares e consigo mesmos! Sejam salteadores e conquistadores enquanto não puderem ser governantes e possuidores, vocês, homens do conhecimento! Logo passará o tempo em que podiam contentar de viver ocultos na floresta como cervos amedrontados! Enfim o conhecimento estenderá a mão ao que**

²⁰ Cf.: HEIDEGGER, 2012a

²¹ Como sabemos, somos amplamente medidos por nossa condição financeira: o capital tem uma supervalência na sociedade e o homem de valor é o que tem Valores financeiros à sua disposição: o niilismo na esfera econômica – são os instintos de dominação, os afetos da ganância, cobiça que moldam as necessidades de poder.

Ihe é devido: - ele querará 'dominar' e 'possui', e vocês juntamente com ele! [grifos nossos] (NIETZSCHE, 2011, GC, p. 193)

Neste aforismo, apontaremos algumas necessárias intervenções para que possamos, como uma leitura cíclica e aberta do pensamento nietzschiano, entender o que é a vida, tal a necessária empiria do homem.

Entendemos que é preciso perceber em FWN que o pensar e o viver simbolizam com o estado de *estar-se-caminhando-consigo-em-contínuo-autosuperar-se*: a vida como um eterno questionar e repensar em mudança, em mutabilidade. Numa de suas sentenças e setas assim expõe: “Apenas os pensamentos que se têm em caminhadas é que possuem valor” (NIETZSCHE, 2014, p. 13). Pensamento em caminhada: isto traz ao menos levantamentos conceituais – o que é esse ‘pensamento’ e essa ‘caminhada’. Pensamento é a experimentação da vida em sua totalidade no jogo do ‘ser cognoscente’ – este *ser* não deve ser entendido, por sua vez, como ente, fenômeno ou experiência do já-dado e findado, de valor significativo encerrado, mas de amplo sentido empírico (ἐμπειρία), contextual, mutável em toda a estrutura da vida existencial do que vige sobre si de modo a elevar-se para-além de si.

É com o desdobramento conceitual que há por-detrás (daí a ideia de genealogia enquanto método na escrita nietzschiana), do que está velado, assim como por meio da inversão do platonismo, Nietzsche opera (perscrutando as entranhas da história), desvelando a *aparência* como *verdadeiro* e o *verdadeiro* como *invenção, ilusão, estória* para moralizar (o que muitas vezes determina, com sua afiada ironia, de *Moralina*). Vejamos o seguinte aforismo 285, de GC.

Excelsior! [Cada vez mais alto!] – “Você nunca mais rezará, nunca mais adorará, nunca mais repousará numa confiança infinita – você se proíbe estacar ante uma sabedoria última, uma bondade última, um último poder, desarmando seus pensamentos – não há um constante guardião e amigo para as suas sete solidões – você vive sem vista para uma montanha que tenha neve no rosto e ardor no coração – não existe, para você, mais nenhum retaliador, nenhum aperfeiçoador final, não há mais razão no que acontece, nem amor no que lhe acontecer – para o seu coração já não há pousada aberta, onde ele só tenha de encontrar e não mais procurar, você resiste a qualquer paz derradeira, você quer o eterno retorno da guerra e da paz: - homem da renúncia, em tudo você quer renunciar? Quem lhe dará a força para isso? Ninguém jamais teve essa força!” – Existe um lago que um dia se negou a escoar, e formou um dique onde até então escoava: desde esse instante ele sobe cada vez mais. Talvez justamente essa renúncia nos empreste a força com que a renúncia mesma seja suportada; talvez o homem suba cada vez mais, já não tendo um deus no qual desaguar. [grifos nossos] (NIETZSCHE, 2011, p. 193)

Nunca mais ter onde desaguar, como se fosse preciso desaguar em algo e colocar toda a potência de sua vida nas mãos do acaso e do nada. Para Nietzsche o homem foi dominado pelo ideal de uma perspectiva niilista do ser (*nihil*, nada, vazio, inércia): pela

religião, pela fé, pela doutrinação e pela massificação do ideal de homem, como exemplos. O pensamento e a força do discurso niilista em que há um Mundo Ideal a ser louvado, ou que há um fim na existência, enfim, o discurso que dominou, organizou e manteve o poderio às mãos de uma minoria que coordenava toda a ideologia e perspectivas sobre a formação cultural e moral dos seres. Para FWN, a humanidade instintivamente foi coagida pela história, pela ideia do poder do nada e o que é real, com sua realidade efetiva e presente, foi tomado como irreal, aparente, esdrúxulo e passageiro. Num outro posicionamento, o *nada* que é então o de fato aparente, inventado, imaginado tem também suas marcas do que traz certa positividade à própria história do homem: o apego ao nada nos legou grande vasta produção artística e cultural, de pinturas a grandes óperas, como em Richard Wagner – não haveria neste instante um fator de niilismo que proporciona a emergência da criatividade pelo ócio? Seriam a força e o valor da arte como ressignificação da vida.

É preciso desfabular a vida em suas intermitências e reentrâncias. A vida é uma adequação ao meio²², de certa forma, mas não um aprisionamento das potencialidades do ser em seu meio. Nesse tempo, em que a eugenia e a seleção genética para o ‘aprimoramento’ vêm se tornando temas de debates acerca da ética, em congressos acadêmicos espalhados pelo globo²³, nesse tempo em que o homem, com sua multiplicidade de necessidades de identidades, encontra-se no ato da decisão, rumos e caminhos novos podem fornecer, não meros dados estatísticos que tragam a seguridade externa (o melhor bairro, a melhor casa, o melhor carro, os melhores trajes, ou como diria Álvaro de Campos, o inconformado, “todos príncipes em tudo”²⁴): a vida não pode ser mais entendida sobre o prisma de uma felicidade teleológica de caráter econômico: todo ser traz dentro de si uma multiplicidade de desejos, de ânsias, vontades e querências que o regem, vigem a existência do ser e tornam o que ser deve tornar-se, num contínuo mundo de mudanças fluidas: “o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: viver perigosamente!” (NIETZSCHE, 2011, p.192). O que é este ‘viver perigosamente’? É morar em localidades com pouca qualidade de vida? Não. ‘Viver perigosamente’ é viver no fluxo e refluxo de poderes que se jogam no corpo social comum (daí a ideia de uma cultura local, nacional, comunitária etc.) e na cognoscência do ser, do homem: viver perigosamente é viver em guerra consigo (contra todas as formas de cristalização do pensar a moral que condenam e aprisionam a vida).

Onde, em algum canto da história da humanidade (em sua totalidade) houve o homem, ocorreu toda uma história de invenção sobre o próprio *ser-de-tal-forma-um-homem*: a cada época, a cada reino, a cada império, novos homens foram determinados como ideais

²² Alegre estar no mundo em contínuo e incerto processo de mundanização com a diversidade (alteridade).

²³ Cf.: MARQUES, 2002. Nele, o autor denota as questões centrais do debate entre Habermas e o Sloterdijk, que são primordiais para se entender em que fase da nova humanidade, na era da tecnologia genética, encontramos.

²⁴ Cf.: Poema em linha reta – In: PESSOA, 1997, p. 134-135

essenciais e únicos, já outros, como bárbaros. O ideal de ‘homem’ serve para trazer um inventado ‘equilíbrio’ (aos que são os ‘homens iguais’); por esse ideal, o homem cria o seu mundo de felicidade na totalização de seu ser, dando-se, para si, um *ser-em-sí*, uma *metafísica*, um *fim* (téllos, **τελος**), uma origem (arkhê, **ἀρχή**), um *deus* no qual desague suas angústias, sua existencialidade (e daí, como a história da tradição filosófica constituiu-se, para Nietzsche, a própria história do apequenamento das essências do homem, i.e., o conceito de instinto de rebanho que cerca o ideal de homem, que o filósofo arduamente vai de encontro²⁵).

In media vita. (no meio da vida) – Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa – desde aquele dia em que veio a mim o grande liberador, o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer – e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça! – E o conhecimento mesmo: para outros pode ser outra coisa, um leito de repouso, ou um ócio – para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heroicos têm seus locais de dança e jogos. ‘A vida como meio de conhecimento’ – com esse princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente! E quem saberá rir e viver bem, se não entender primeiramente da guerra e da vitória? (NIETZSCHE, 2012 GC, p. 215)

Com a acepção de felicidade, todo um mundo fabular, metafísico, doutrinador, jurídico, cultural e comportamental se construiu, cada qual à sua época. Por conseguinte, o entendimento do que deveria ser, do que teria que ser a vida humana (a formação moral e a ordenação-subversão-revolução social ante, com e pela palavra da lei) regira as histórias das nações antigas até à nossa modernidade, com os pés velozes do tempo²⁶, já diria W. Shakespeare.

A visão de Nietzsche é vitalizada, pois, na forma de um discurso em que as marcas inescapáveis de um repesar na balança o próprio exercício do pensar humano (um pensar em sua condicionalidade, pluralidade, mutabilidade, adequabilidade) estão em uma luta, em jogo, em disputa, em busca da decisão – a dialética da vida humana –, potencializando-se na abertura do *poder questionar* as próprias ideias de essência e de ser (que para Heidegger é o *sendo* – em constante mudança e estando na existência-aí - *Seiende*) na sua totalização com o mundo.

Perspectivística²⁷ e interdisciplinar é abertura para o entendimento do ser como ser múltiplo. Entender a vida como espaço plural de oportunidades do existir-aí, em razão legal, em comunidade com o locus, com o tempo é entender que há uma abertura para a vivência em suas possibilidades que abram pare o caminho (não das experimentações

²⁵ Para isso conferir os aforismos presentes nos capítulos “Como o ‘mundo verdadeiro’ por fim se tornou fábula” e “Moral da contranatureza”, de CDI. (NIETZSCHE, 2014, pp. 29-36).

²⁶ Nota do poema de Shakespeare

²⁷ Há interessantes estudos sobre o valor perspectivístico do pensamento de FWN. A dissertação de Josemar Rodrigues da Silva, pela UFBA, apresenta consideráveis colocações. Cf.: SILVA, 2007.

forjadas da existência), mas para o processo de autossuperação dos limites físicos e cognitivos do ser, por meio do pensamento que se ultrapassa e se supera (a teoria do *übermensch*, do além-do-homem no fluxo pesado do pensamento do eterno retorno – de que a vida é o que está-aí, de que ela volta sobre nós, de que ela é inescapável, a vida, mesmo que inventemos além-mundos ou céus paradisíacos. Parafraseando Drummond, o que nos preocupa é ‘o tempo presente, os homens presentes, a vida presente’²⁸). Viver em perspectiva sobre as coisas é estar em jogo com a formação cultural para-além das fronteiras espaciais e temporais: viver é potencializar a experimentação do ser no mundo não só de ideias, mas também de sentidos, sensorial, vivo, o mundo das efetividades e da vivência em sua complexa compreensão sobre a humanidade, seus anseios, limites e avanços.

Considerações Finais

Ao final, postas tantas interpretações e dispostos possíveis caminhos sobre a perspectiva, entendida como o valor da própria linguagem da moral ideal de um discurso de um verdade, ao mestre Nietzsche, ouçamo-lo:

No horizonte do infinito. – Deixamos a terra firme e embarcamos! **Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre rugem, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude.** Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais liberdade – e já não existe mais ‘terra’! [negrito nosso] (NIETZSCHE, 2011, p. 147)

Neste trabalho, o que se denota, ao final, é a nítida percepção de que a base organizacional do pensamento em Nietzsche é plural, ampla e complexa, pois aperfeiçoou a técnica do filosofar com a escrita em forma de *aforismos*; com a densa projeção de uma *literatura filosófica* – como em AFZ -, numa fina e robusta estruturação poética (em Nietzsche, a práxis da linguagem tem certo caráter de estilo e de arte imbuído, haja vista seus poemas publicados, além dos jogos, trocadilhos e brincadeiras linguísticas em sua obra filosófica²⁹), em um pensar interdisciplinar, um pensar que vê o mundo em sua pluralização de perspectivas e ideologias culturais.

Há, na prática do pensamento nietzschiano, o agir cognitivo (sob a base de ironia fina e elaborada além de um amplo conhecimento multidisciplinar: ambos jogam nas práticas

²⁸ ANDRADE, Carlos D. 1990, p. 110

²⁹ Cf.: Poemas de “Brincadeira, Astúcia e Vingança”. In: NIETZSCHE, 2011, p. 17-50.

filosóficas, entre a psicologia e a biologia, entre as artes e a história, entre a literatura e a hermenêutica, entre a lógica e a discursividade da linguagem).

Por quê? Porque Nietzsche torna-se o filósofo da inversão do que *é*, do que *está-aí-no-mundo-dado-como-verdade*, do que *vige* como verdade efetiva e acabada no mundo. Em FWN nada é *em-si-mesmo*, por si mesmo, pronto, acabado, fechado ou mesmo definitivamente *aquilo-que-é-e-sempre-será-assim*: não há um *isto-é-assim* imutável; mas, sim, uma interpretação, uma visão, uma aposta nos sentidos, um jogo de valoração – dito de outra maneira, não há fenômenos morais, mas apenas uma interpretação moral, moralizada, idealizada, carregada de nossos afetos e sentimentos nos fenômenos, ou “Não há nenhum acontecimento em si. O que acontece é um grupo de fenômenos interpretados e sintetizados a partir de um ser interpretativo” (NIETZSCHE, 2013, v.VI, p. 27).

Aprender, assim como viver são contínuas e eternas mutações da existência-aí dos homens, não somente sujeitos idealizados e banalizados, aquietados e arrebanhados, nem tampouco a redução do ser no conflito de luta e preso somente a isso (é preciso ter cuidado com o moralismo de pseudointelectuais, que denigrem a ideia de equidade e justiça, sob um moralismo econômico, o mais das vezes), mas como criadores de sua vivência, ora espectadores de um teatro de ações que são valoradas e pesadas – invenções – no dia a dia de cada um, ora convidados de uma mesa farta que nos chama à vida em sua beleza.

Se tivéssemos que fechar nosso trabalho com algumas sentenças, conclusões que deem uma possível e sensata resolução e ilustração do caminho do pensamento nietzschiano seriam essas ponderações:

- A questão da *verdade* enquanto uma conceituação, convenção de caráter moral;
- Não há fato moral, mas efeitos de crítica, práticas de análise, leituras interpretativas que são sempre moralísticas sobre os seres, as coisas, o mundo, as ideias etc. (medimos sempre o mundo com as nossas ‘essências’ e identidades, com os olhos do que somos, do que nossa moralidade cultural e histórica nos diz);
- A vontade de Poder é o *leitmotiv* de todo o Dasein (da existência no estar-aí em mundanização), é a potência de todo o movimento da vida humana;
- não há verdades imutáveis, assim como não há nenhum ‘ser-em-si’, apenas valorações, execuções dos sentidos sobre o ente, interpretações, pontos de vista, etc.;
- O homem é marcado pela sua multiplicidade íntima de seu ser – por conseguinte, o homem vive um estado de *deveniência* (de *de vir* não cristalizado, mas aberto, soberano, em potencialização, transmutação), de um estar-se em jogo com suas pluralidades identitárias em face à alteridade, ao

mundo e à cultura;

- O homem promove a sua existência, apresenta-se ao mundo, dispõe-se no jogo da vida em face ao outro pela linguagem – instrumento de inserção, pertença, integração, mas também separação, segregação e exclusão. É com a linguagem que o homem molda a sua cultura e a sua ‘consciência’ moral.

O mundo é pra nos mundificarmos, para nos darmos em nossa existência-aí a possibilidade de ir-além de nosso em-si, estabilizado e estagnado, ante as dificuldades e impossibilidades das barreiras sociais. Porém, como o homem pode ir? Com o saber, com a educação, aberta, livre, plural, independente de poderes e soberana na sua proporção cognitiva e funcionalidade humanitária. Mas o que é essa liberdade do ser e do pensar? Em CDI, *Incursões de um extemporâneo*, aforismo nº 38, discutindo sobre o liberalismo, a guerra, chega à relação com a formação do ser, da educação do ser. Atentemo-nos:

(...) E a guerra educa para a liberdade. O que é pois liberdade! Que se tenha a vontade de responsabilidade por si mesmo. Que se mantenha a distância que nos separa. Que se torne indiferente ao cansaço, à dureza, à privação, inclusive em relação à vida. Que se esteja disposto a sacrificar à sua causa os seres humanos, sem excluir a si mesmo. Liberdade significa possuir os instintos viris que se comprazem na guerra e na vitória, acima de outros instintos, por exemplo, acima do instinto de ‘felicidade’. O ser humano que se tornou livre, e muito mais o espírito que se tornou livre, pisoteia a desprezível espécie de bem-estar, sonhados por merceeiros, cristãos, vacas, mulheres, ingleses e outros democratas. **O ser humano livre é guerreiro.** – De que modo se mede a liberdade, tanto em indivíduos quanto em povos? Segundo a resistência que tem de ser superada, segundo o esforço que custa permanecer acima. (NIETZSCHE, 2014, p. 82)

Enfim, em FWN, há uma perspectiva que dá o ritmo e a marcação de passos na dança do pensar (pois pensar é uma arte, um exercício que exige fôlego, corporeidade, sentir-se em tal espaço, vivenciar a potência do ato etc.): o *amor fati*, Amor a todos e tudo em intensidade múltipla, uma inclinação à liberdade de dar-se por inteiro, em sua múltipla essencialidade vital, no espaço da devenida, de um devir, uma amanhã como incerto e aberto, como necessariamente desconhecido, do amor, da essência humana de que há em cada um uma busca do que há de justo, não sob a égide da tradição, mas justo na humana condição do direito de ser, de existir no espaço, no corpo social, em total libertação na devenida da vida:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati (amor ao destino): seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2011, p. 283)

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C.D. *Poesia completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1990.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad.: Edson Bani. São Paulo: Edipro, 2012.

_____. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 29-60.

_____. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Trad.: Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad.: Roberto C. de M. Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

_____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade*. Trad.: Emmanuel C. Leão. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Universitária São Francisco, 2012.

_____. *Introdução à Metafísica*. Trad.: Emmanuel C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1965.

_____. *Nietzsche*. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: GEN/Forense universitária, 2010.

_____. *Ser e Tempo*. Trad.: Fausto Castilho. Campinas/Petrópolis: Unicamp/Vozes, 2012a.

MARINS, Imaculada Conceição Manhães. “Um olhar sobre o perspectivismo de Nietzsche e o pensamento trágico”, *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche*, v.1, n.2. p. 124-141.

MARQUES, J. O. de A. Sobre as Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk, *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e práticas psicoterápicas*, Unicamp, Campinas, v. IV, n. 2, 2002, p. 363-381.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo/Brasília: Cortez/ Unesco, 2002.

MOTA, Thiago. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo. In: *Cadernos Nietzsche*, n. 27, 2010. p. 213-237.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad.: Clademir Araldi. São Paulo: UNIFESP, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Fragmentos Póstumos*. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: GEN/Forense universitária, 2013. v. V.

_____. *Fragmentos Póstumos*. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: GEN/Forense universitária, 2013. v. VI.

_____. *O viajante e sua sombra*. Trad.: Antonio C. Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

_____. *Genealogia da Moral: um escrito polêmico*. Trad.: Paulo C. Souza. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Gaia Ciência*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

_____. *Humano, demasiado, humano*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

_____. *Assim falava Zaratustra*. Trad.: Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

_____. *Vontade de Poder*. Trad.: Marcos Sinésio P. Fernandes e Francisco José D. de Moraes. São Paulo: Contraponto, 2008.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com o martelo*. Trad.: Jorge Luis Viesenteiner. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Escritos sobre educação*. Trad.: Noéli C. de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2011a.

_____. *Ecce Homo*. Trad.: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2013.

PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Globo/Klic, 1997.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SILVA, Josemar Rodrigues da. *O papel do perspectivismo na filosofia de Nietzsche*. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10456/1/Dissertacao%20Josemar%20Silvaseg.pdf>. Acesso em Dezembro de 2015.

Sobre o Autor:

Renato Marcelo Resgala Jr. é professor desde 2001, graduado em letras, com mestrado em letras, focalizando a crítica da cultura, atuando por diversos níveis da educação. Atualmente, é Professor de Português Jurídico, Oratória e Português instrumental – Faculdade Redentor; Professor efetivo do Governo do estado do Rio de Janeiro.